

“MOMENTOS EXTRAORDINÁRIOS” DE ROSÂNGELA RUSSO

CECÍLIA CRUZ
VILLARES

Instituto Noos, São Paulo,
SP, Brasil

Tudo o que diz respeito ao tema da saúde mental me interessa profundamente. Construí minha experiência profissional nesse campo, transitando entre a clínica com pessoas diagnosticadas com graves transtornos mentais e ações para além da clínica, com essas mesmas pessoas como companheiros de projetos para gerar informação e educação, apoio mútuo e para lutar contra o estigma associado principalmente à esquizofrenia. Essas experiências me ensinaram que afrontar os problemas de saúde mental envolve sobretudo um processo contínuo de (re) construção de sentido e pertencimento. Ao longo desse caminho, assim como a autora Rosângela Russo, fui vivenciando também momentos extraordinários que me marcaram e que levo na bagagem como aprendizados para a vida. São esses momentos que me fazem acreditar que, mesmo diante de dificuldades, há sempre espaço para transformação e renovação da esperança.

O conceito de “momentos extraordinários”, presente nas práticas narrativas de Michael White, ressoa fortemente na forma como Rosângela Russo compartilha suas experiências no artigo. Ler as histórias narradas por ela me convidou também a pensar nos *momentos marcantes*, um dos conceitos de John Shotter que sustenta a abordagem dialógica que orienta a minha prática clínica. Segundo o autor, esses momentos são aqueles instantes em que algo inesperado acontece e revela possibilidades novas e potencialmente transformadoras. Shotter escreveu sobre a importância desses momentos marcantes como eventos de reconhecimento mútuo e mudanças sutis, mas poderosas, na interação entre as pessoas. Ele argumentou que esses momentos não são planejados ou forçados, mas surgem na fluidez do diálogo, quando nos permitimos ser afetados pela experiência do outro.

Essas ocasiões nos lembram que, por mais que a trajetória de uma pessoa pareça rigidamente traçada pelo diagnóstico ou pelas dificuldades sociais, sempre há possibilidades, pequenos acontecimentos que podem mudar o curso de uma história e permitir novas leituras sobre si mesmo e sobre o mundo. Assim, tanto Michael White como John Shotter nos convidam a prestar atenção nesses detalhes, nessas trocas que frequentemente passam despercebidas, mas que têm um impacto profundo na construção das identidades e das relações.

A escrita fluida e sensível de Rosângela nos transporta para esses encontros que evidenciam a potência das abordagens narrativas e dialógicas. Ao compartilhar histórias vividas com seus clientes, seu artigo nos convida a revisitar nossas próprias experiências e os aprendizados que emergiram desses encontros. Nós, profissionais de saúde mental, frequentemente nos deparamos com desafios imensos: a gravidade das situações encontradas nos serviços de saúde mental e a falta de recursos são uma ponta do iceberg de uma realidade muito dura, de tanto sofrimento e abandono, que também nos adocece como seres humanos pela vivência diária de invisibilidade, impotência e sobrecarga.

Busco na poesia do grande João Guimarães Rosa em Ave, Palavra: “Às vezes - o destino não se esquece - as grades estão abertas, as almas estão despertas: às vezes,

quando, quando - quando à hora, quando os deuses, de repente - antes - a gente se encontra". Às vezes, na prática clínica e comunitária, somos surpreendidos por momentos de profunda conexão e compreensão, nos quais conseguimos enxergar para além das dificuldades e gerar significados compartilhados. Esses momentos poéticos e surpreendentes e histórias de transformação e resignificação nos sustentam e alimentam a esperança, mostrando que o trabalho em saúde mental vai muito além do manejo de crises e da contenção de sintomas; ele se constrói a partir do encontro genuíno e do reconhecimento da singularidade de cada trajetória humana.

O artigo de Rosângela apresenta e articula com maestria conceitos fundamentais da Abordagem Narrativa, uma perspectiva que se articula diretamente com as práticas colaborativas e dialógicas na saúde mental. Quando falamos de colaboração, falamos de uma mudança fundamental na maneira como compreendemos a saúde: não mais como um campo estritamente biomédico, mas como um espaço de interação contínua entre profissionais, usuários e familiares. A prática dialógica convida à construção compartilhada de conhecimento e cuidado, onde as vozes das pessoas em sofrimento e de suas redes de apoio são reconhecidas como essenciais para a construção das decisões no processo terapêutico. Essa abordagem amplia a compreensão do que significa cuidar, pois nos lembra de que a escuta, o acolhimento e a construção de relações de confiança são elementos tão importantes quanto os protocolos clínicos e diagnósticos.

A experiência vivida por Rosângela Russo e a forma como compartilha seus momentos extraordinários reforçam essa ideia. Assim como ela, muitos profissionais e usuários da saúde mental têm histórias de encontros que marcaram profundamente sua visão sobre o cuidado. Seu texto me reconectou com minhas experiências vividas como paciente, aprendiz e profissional, em como fui entendendo, por exemplo, o quanto ter sido escutada e acolhida em momentos de fragilidade gerou esperança. Também me lembrei da vivência marcante de me perceber incluída em uma equipe que priorizava o vínculo e a convivência, como algo que me ensinou muito sobre o valor do pertencimento. Relembrei também que desenvolver projetos ao lado de pessoas com experiência vivida de transtornos mentais ensinou-me que a construção conjunta supera hierarquias e cria possibilidades antes impensáveis. São vivências que levo encarnadas, assim como as histórias generosamente partilhadas por Rosângela em seu lindo texto.

Essas experiências reafirmam a importância de registrar e compartilhar histórias como ferramenta para fortalecer comunidades de profissionais frequentemente sobrecarregados e desmotivados pelas dificuldades do sistema de saúde. Em um contexto de escassez de recursos e urgência constante, como podemos criar espaço para colaboração e diálogo? Como podemos superar a linguagem dominante de enfrentamento e déficit, cultivando narrativas que celebrem a potência das relações? Como integrar a perspectiva dos usuários à expertise técnica sem que a voz da experiência vivida seja silenciada?

Essas perguntas nos convidam a repensar as estruturas de cuidado em Saúde Mental. A colaboração não significa apenas trabalhar juntos, mas sim reconhecer o outro como um parceiro legítimo na construção da saúde. A escuta genuína, o respeito à polifonia e o compromisso com a co-construção de caminhos são pilares desse modelo. No fim das contas, as práticas colaborativas e dialógicas nos lembram de algo essencial: saúde não é apenas a ausência de doença, mas a possibilidade de criar, juntos, modos de vida que façam sentido.

O artigo de Rosângela Russo nos lembra que, em meio às adversidades, há sempre espaços para novas narrativas. Compartilhar essas histórias é fortalecer uma comunidade de profissionais que, apesar dos desafios, seguem acreditando na potência

dos encontros e no valor das vidas que acompanhamos. Afinal, momentos extraordinários nos mostram que, mesmo nos contextos mais difíceis, cada vez que escolhemos contar e escutar essas histórias, reafirmamos nosso compromisso com um olhar mais humanizado e esperançoso sobre a saúde mental, promovendo redes de apoio que transcendem os limites institucionais e profissionais para alcançar o que realmente importa: a dignidade e o bem-estar de cada pessoa que acompanhamos.

CECÍLIA CRUZ VILLARES

Terapeuta ocupacional, mestre em Saúde Mental, terapeuta familiar pelo Instituto Famíliae em São Paulo e formadora certificada na abordagem Open Dialogue pelo *Institute for Dialogic Practice* em Nova York. Associada efetiva do Instituto Noos, onde coordena Núcleo de Saúde Mental e o Certificado em Práticas Dialógicas e Diálogo Aberto desde 2020.

Email: civillares@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1828-5767>